

Líder indígena pede honestidade na Amazônia

Raoni dá show de folclore em Paris

PARIS (AF) — Foi um espetáculo para europeu nenhum botar defeito. O cacique Raoni envergou seu cocar de penas azuis e vermelhas, pintou-se para a guerra e exibiu o lábio inferior alargado pelo batoque, incrustado desde a infância para dar coragem nos combates. Closes de seu rosto dominaram por dez minutos e quinze segundos o jornal noturno de maior audiência da televisão francesa. “E por isso que vim aqui, avisar todo mundo, que quando esse mata acabá mundo vai sê só nós índio que vai acabá, branco vai acabá tamém.”

Raoni deu entrevista exclusiva no jornal das 20h da TF-1 (a Televisão Francesa 1, privatizada no ano retrasado). Em seguida acompanhou Sting no programa “Sacrée Soirée” (Noitada sagrada), animado por Jean-Pierre Foucault, que os franceses tratam por Janpiéerrre. Trata-se de uma espécie de Gugu Liberato quarentão.

Jean-Pierre, o apresentador, estava eufórico. Queria saber como introduzir Raoni. “Um presidente de tribo? Um grande chefe? Um rei?” Foi informado pelo cineasta francês Jean-Pierre Dutilleux que Raoni é um “pagé, um xamã, um mágico”. Jean-Pierre se espantou: “Um feiticeiro também?”. E providenciou o encontro de Raoni com um sioux, o pagé americano Red Croe, que cantou e benzeu Raoni e os presentes com a fumaça de seu cachimbo... As palavras de Raoni foram traduzidas, tanto no jornal quanto no programa de auditório, pelo cineasta Dutilleux. Foi ele quem levou Sting para a Amazônia, apresentou para Raoni, co-realizou os documentários que a emissora está levando ao ar e co-escreveu o livro “Mata Virgem”.

Claudia Alexandre

“Nós os índios não temos a intenção de propor uma política de ocupação da Amazônia e sabemos que isto não cabe apenas a um órgão do governo. É preciso a atitude honesta de inventariar a área e se conscientizar de que ela não é desocupada, que existe ali um povo a séculos com sua agricultura, economia e engenharia”, disse ontem o presidente da União Nacional Indígena, Ailton Krenak, que participou de entrevista coletiva à imprensa para o lançamento do “Projeto Povos da Floresta”, hoje, no Sesc Pompéia (Rua Clélia, 93 — Lapa). Participaram, também, o presidente do Conselho Nacional de Seringueiros (Acre), Manuel Nunes, o índio cinta-larga (Mato Grosso) Roberto Oitamina e os antropólogos Mauro de Almeida e Dominique Gallois.

Segundo Krenak, existe por parte do governo uma política proposital de se comercializar a natureza e exterminar a população das florestas. “Este novo projeto de criação de florestas nacionais criado pelo presidente Sarney só vai servir para viabilizar a exploração econômica da Amazônia. Eles afirmam que somente 5% da floresta está devastada, mas isso significa que



A antropóloga Dominique Gallois (centro) fala do problema da Amazônia. À esquerda o seringueiro Mendes e Roberto Oitamina, índio cinta-larga, com sua família. No destaque, o índio Wai-a

grandes regiões do mundo, onde nossas tribos podem viver em paz estão desaparecendo”, afirmou. Krenak criticou as obras realizadas na extensão das matas em consequência do desenvolvimento tecnológico do país. “Um exem-

plo é a construção da Hidrelétrica Balbina. O que temos hoje é um lago podre, que solta gases insuportáveis e tem matado animais e oferecido doenças para a população regional. Este é um modelo de desenvolvimento impensado

que está exterminando com os índios”, disse.

Ao falar dos povos habitantes da Amazônia — índios, ribeirinhos, castanheiros e seringueiros — Krenak espantou-se com a desinformação dos jornalistas, que desconheciam o sistema arcaico e de escravidão que domina o trabalho dos seringueiros no Acre. “Existem milhares de famílias escravas de dívidas dos patrões vivendo gerações em regime de troca”, contou. Segundo ele, existe um núcleo de empresários, madeireiros pistoleiros e seringalistas, chocando-se com a forma de ocupação tradicional no Acre e Sul do Amazonas. “Pacotes de dinheiro têm saído da Seplan e do Ministério da Indústria e Comércio para incentivar os investimentos, que acabam expondo as famílias à violência.”

Quanto à morte do líder seringueiro Chico Mendes existe uma grande tristeza. “É ruim quando um lugar fica conhecido em função da violência. E é ainda pior uma nação que permita que sejam indicados seus homens marcados para morrer”, comentou. Sobre as eleições para presidente existe prudência. “Nenhum partido político até hoje mostrou reflexão sobre a realidade do nosso meio ambiente e nossas florestas. Existe uma ignorância cruel entre eles”, concluiu.

Começa hoje projeto “Povos na Floresta”

O “Projeto Povos na Floresta” abre hoje e vai até dia 7 de maio com três exposições: “Ka’A Eta: Waiápi, Povo da Floresta”, “Seringueiros do Vale Juruá” e “Amazônia: do Planalto Brasileiro ao Planalto da Venezuela”. Nas mostras estarão fotos, regiões, textos e utensílios das comunidades. O projeto apresenta ainda um ciclo de debates e exibição de vídeos.

Os debates “Conversa na Floresta” acontecerão até domingo com depoimentos de índios, seringueiros e políticos: Hoje, o presidente da UNI — União Nacional Indígena, Ailton Krenak, os seringueiros do Vale do Juruá e o deputado Fábio Feldman participam da rodada “Índios a Seringueiros”. No dia 15, às 16 horas, os índios Cinta-larga de Mato Grosso participam do lançamento do livro “Mantere Ma Kwe Tinhin” com histórias da maloca de antigamente, apresentado depoimentos do índio Pidvny Cinta-larga.

Waiápi contra o intruso

A exposição “Ka’A Ete: Waiápi, Povo da floresta” apresentará a situação de um povo indígena e seu território, no Amapá, atualmente invadido pela rodovia federal Perimetral Norte. Os waiápi habitam uma vasta extensão de floresta tropical firme, na fronteira Brasil-Guiana Francesa. Para o líder da Aldeia Mriry, Waiwai é preciso que o governo perceba que a Amazônia está terminando com a invasão. “Tem que demarcar a terra, os garimpeiros precisam ir para o outro lado, não queremos que eles andem em nosso caminhos”, disse.